

P R E F Á C I O

A decisão da escolha do tema desta Revista reforça o que tanto preocupou Michael Balint, ou seja, a relação médico-paciente. Dizia este estudioso do assunto: «o médico não cumpre esta tarefa compreensiva, ou por estar demasiadamente ocupado, ou por ser demasiadamente modesto para fazê-lo. No entanto, isto é imprescindível para compreender a estrutura do seu paciente e de si mesmo, na relação e na terapêutica».

Abordar este assunto sob forma de um editorial é generalizar, o que não mimetiza a abordagem, que, para ser efetiva, deve ser individual, de pessoa a pessoa, vendo o único de cada caso, principalmente no entendimento das solicitações dos pacientes com sintomas clínicos, mas sem lesões, ou seja, daqueles pacientes, sem doenças.

Para a medicina de hoje está sendo necessária uma soma crescente de conhecimentos e uma multiplicação incessante de meios para adquiri-los. Em decorrência, surge a necessidade do uso da máquina como ferramenta de trabalho, mas, ao lado disto, é preciso que se esteja prevenido contra o excesso de «maquinização» da medicina. Não se pode esquecer de que nenhuma máquina nos informa sobre a localização ou o horário de uma dor, como o faria a palavra do paciente.

A evolução global, incluindo a dos conhecimento médicos, fez com que decrescesse o engano muito freqüente de que a chamada medicina psicossomática constituiria o setor que investiga a influência da mente sobre o corpo. Realmente, a própria dicotomia implícita na sua denominação poderia permitir tal interpretação, sugerindo mesmo esta separação que deve ser evitada. A idéia é integrar, não se referindo o termo a uma ciência autônoma, mas, antes, a um conjunto de configurações à procura de uma unidade perdida.

A complexidade deste tema diminuiria se fosse possível alterar a nossa compreensão sobre seu conteúdo, quando, então, se modificaria a nomenclatura corrente para, talvez, a de medicina integral, mais ao encontro da visão atual do exercício e que traduz melhor o seu objetivo, qual seja, o de se ocupar das respostas reativas simultâneas a certos estímulos que têm lugar ao mesmo tempo na esfera psíquica e na somática, isto é, a situação médica de entendimento da participação do doente na sua doença, de acordo com suas necessidades.

Este pensamento dinâmico, baseado no fato de que todo fenômeno humano é sempre biológico, psicológico e social, é uma atitude certamente decisiva na evolução da medicina, no sentido de orientar o pensamento médico para a realidade global do paciente, o que constitui o embasamento deste nosso trabalho.

Não se trata de biologismo, nem psicologismo, nem sociologismo. Não se trata de uma transposição, mas de algo mais importante: uma troca em nossos modelos de pensamento, em nossos esquemas referenciais.

Este aspecto é o fundamental no ensino da medicina, devendo a preocupação centrar-se no médico em formação, a quem será atribuído o seu exercício. Nesta área se assenta o maior número de dificuldades, justamente no que se refere à formação do médico, que deverá desenvolver precocemente o sentido da síntese, não como um «a posteriori,» mas, sim, como um «a priori» da visão de totalidade.

A idéia é preparar elementos capazes de não terem necessidade de desarticular, de fragmentar o paciente, capazes de entender que a conduta não é a de abstração, porque originalmente há sempre um comportamento que envolve tanto os fatores biológicos, como os psicológicos e os sociais, e sem a obrigatoriedade de negarem a existência do trinômio corpo-mente-ambiente, como um modo de se defenderem de sua problemática individual. Há sempre a necessidade de um primeiro encontro, o do médico-médico, e depois o do médico-paciente!

Os autores dos artigos aqui apresentados chamam a atenção para a necessidade de compreender, perceber e adequadamente valorizar a linguagem tentativa de comunicação dos pacientes - através dos seus sintomas. E do quanto é importante e necessário não misturar as próprias dificuldades com as dos pacientes!

Um treinamento adequado permite uma melhor atitude, no que concerne ao dosificar-se frente a quem nos consulta, diminuindo assim a frustração e ansiedade que pode acometer o médico, até que apareça a necessária e esperada melhora e/ou cura do processo-doença.

É uma atitude que inclui um trabalho de investigação, pois a variedade de enfermidades à disposição de cada indivíduo se encontra limitada por sua constituição, posição social e de seus temores e fantasias conscientes e/ou inconscientes com relação à ameaça-doença.

Não é um trabalho de substituição, como também esta área não representa «um saco sem fundo» onde possa ser colocado tudo aquilo que não for devidamente compreendido através das manobras habituais, pois, toda doença é o resultado de agressão atual acrescida da caracterologia do equilíbrio emocional pré-mórbido.

Importa reconhecer o pedido de ajuda.

O que nos propomos é um atuar em um nível que inclua compreensão, profundidade e integração. Completamente diferentes do binômio médico-paciente.

Em geral, com base no fato de que uma doença física é mais grave e perigosa que uma funcional, são mais procurados

os primeiros diagnósticos, sendo descuidada assim uma grande parcela da população de pacientes e deixando-se de fazer diagnósticos, o que representa uma perigosa meia-verdade.

Apesar de ser conhecido que grande número de doenças podem ter duas fases: a primeira reversível - a funcional - e a segunda - a da lesão resultante, pela continuidade e/ou intensidade, os distúrbios funcionais podem resultar nas lesões estruturais.

A pessoa assim acometida, disto não sabe, apenas o sente, podendo a ansiedade aparecer como causa e/ou consequência, isto é, fatores emocionais sendo mobilizados pela doença.

Os resultados desta tentativa poderão apontar uma perspectiva de facilitar o trabalho com os pacientes, permitindo e dando-lhes a palavra.

Assim atuando, estaremos seguindo o que diz Platão em sua «Charmides».

«Não se deve curar os olhos sem a cabeça, não se deve tampouco pretender curar a cabeça sem a alma, e, se a maior parte das moléstias escapa aos médicos, é porque eles descuidam do todo que deveriam cuidar, pois, quando o todo está em mau estado, é impossível que a parte esteja bem!».